



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

**Cartografia de saberes: Laboratório de  
Geografia Escolar, uma experiência na Escola  
Estadual Professor Pedro Augusto Porto  
Caminha (PB)**

LUIZ MANGUEIRA PEIXOTO

JOÃO PESSOA - PB  
2014

**LUIZ MANGUEIRA PEIXOTO**

**Cartografia de saberes: Laboratório de Geografia Escolar, uma  
experiência na Escola Estadual Professor Pedro Augusto Porto  
Caminha (PB)**

Monografia apresentada ao Curso de especialização em fundamentos da educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola do Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Especialista.

Orientadora: Profa. Dra. Ingrid Farias Fachine Oliveira

JOÃO PESSOA – PB  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

**P377c** Peixoto, Luiz Mangueira

Cartografia de saberes: laboratório de geografia escolar, uma experiência na Escola Estadual Professor Pedro Augusto Porto Caminha (PB) [manuscrito] : / Luiz Mangueira Peixoto. - 2014.  
44 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

\*Orientação: Profa. Dra. Ingrid Farias Fachine Oliveira, Departamento de Jornalismo\*.

1. Geografia escolar. 2. Laboratório de Geografia. 3. Práticas de ensino. I. Título.

21. ed. CDD 372.891

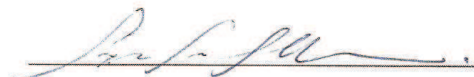
LUIZ MANGUEIRA PEIXOTO

**CARTOGRAFIA DE SABERES:  
LABORATÓRIO DE GEOGRAFIA ESCOLAR, UMA EXPERIÊNCIA NA  
ESCOLA ESTADUAL PROF. PEDRO AUGUSTO PORTO CAMINHA (PB)**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista em educação.

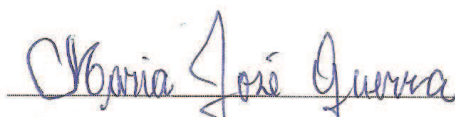
Aprovada em 26/07/2014.

Banca Examinadora



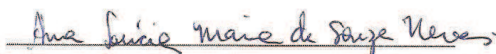
Profa. Dra. Ingrid Farias Fachine Oliveira (UEPB)

Orientadora



Profa. Dra. Maria José Guerra (UEPB)

Examinadora



Profa. Dra. Ana Lúcia Maria Souza Neves (UEPB)

Examinadora

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, criador e sustentador do Universo.

Aos meus pais Floriano (in memorian) e Nair que me deram as lições mais importantes da vida: a fé, a solidariedade e a honestidade.

À minha esposa Tânia, que apoiou-me nas horas difíceis.

À minha filha Gabriela, um exemplo de coragem e força de vontade.

À Universidade Estadual da Paraíba, pela oportunidade de poder continuar aprendendo.

Aos coordenadores do curso presencial e da EAD, que procuraram sempre fazer o melhor para nos atender.

Aos meus educadores do curso de especialização, especialmente a professora Dra. Ingrid Fachine pela sua mensagem de esperança e pela disponibilidade em orientar-me nessa pesquisa.

Às professoras Dra. Maria José Guerra e Dra. Ana Lúcia Maria Souza Neves, por atender prontamente ao convite de participar da banca examinadora.

Aos meus colegas de curso que serviram de incentivo e que juntos passamos bons momentos de aprendizagens e descontrações.

*“[...] houve uma época em que eu pensava que as pequenas mudanças impediam a realização de uma grande mudança. Por isso, no meu entender, as pequenas mudanças deveriam ser evitadas e todo investimento deveria ser feito numa mudança radical e ampla. Hoje, minha certeza é outra: penso que no dia-a-dia, mudando passo a passo, com pequenas mudanças numa certa direção, podemos operar a grande mudança, a qual poderá acontecer como resultado de um esforço contínuo, solidário e paciente”.*

Moacir Gadotti (1998, p. 22)

## RESUMO

Estudo sobre as práticas do Laboratório de Geografia Escolar na Escola Estadual Professor Pedro Augusto Porto Caminha em João Pessoa (PB). Busca-se, através de um estudo de caso da Escola, compreender a importância de suas atividades e potencialidades no auxílio ao processo ensino e aprendizagem na disciplina de Geografia, desde a criação do seu Laboratório em 2011 até o ano de 2014. A iniciativa de pesquisar essas atividades partiu da necessidade de avaliar a prática dos professores de Geografia, bem como a motivação desses professores e dos alunos, principalmente, nas aulas dessa disciplina escolar. A metodologia consta de pesquisa bibliográfica sobre educação, com as teorias de Moacir Gadotti e pesquisa participativa e de campo, utilizando-se de questionários com perguntas objetivas para colher depoimentos de alunos e professores envolvidos no contexto escolar, leituras especializadas, fichamentos, bem como a vivência e a experiência da atividade de docência. Como resultados pode-se apresentar que esta experiência torna-se significativa a partir do momento que ela possibilita obter algumas respostas a respeito da funcionalidade do laboratório e da importância de se utilizar um espaço como esse na disciplina de Geografia. Constata-se, também, o quanto o Laboratório de Geografia potencializa a disciplina e contribui para a construção do conhecimento, promovendo a aproximação de alunos e professores com materiais concretos e temas relacionados ao objeto de estudo da Geografia através das práticas que estimulam a sua participação.

**Palavras-chave:** Geografia escolar. Laboratório de Geografia. Práticas de ensino.

## **ABSTRACT**

Study on the practices of the Lab School of Geography at the State School Professor Pedro Augusto Porto Caminha in João Pessoa (PB). The aim is, through a case study of the school, understand the importance of their activities and potential to aid the teaching and learning process in the discipline geography, since the creation of its Laboratory in 2011 until the year 2014.'s Initiative research these activities stemmed from the need to evaluate the practice of teachers of geography as well as the motivation of these teachers and students, especially in classes that school discipline. The methodology consists of bibliographical research about education with Moacir Gadotti's theories and participatory research and field, using questionnaires witch objective questions to gather testimonies of people involved in the school context, specialized readings, record keeping, as well as the experience and expertise of the teaching activity. The results can be presented that this experience becomes significant from the moment enables it to get some answers regarding the functionality of the lab and the importance of using a space like this in the discipline of Geography. It is also noted how the Laboratory of Geography enhances discipline and contributes to the knowledge construction and promotes the approach of students and teachers with concrete materials and themes related to the object of study of geography through the practices that stimulate their participation.

**Keywords:** School Geography. Laboratory of Geography. Teaching practices.



## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Caderno de apontamentos .....	22
FIGURA 2: Anotações de Geografia à pena .....	22
FIGURA 3: Aspecto frontal da escola .....	26
FIGURA 4: Aspecto interior da escola.....	27
FIGURA 5: Mapas e globo temático.....	30
FIGURA 6: Mini-planetário do sistema Sol-Lua.....	30
FIGURA 7: Detalhe interior do Laboratório.....	31
FIGURA 8: Globo temático:.....	31
FIGURA 9: Amostra de rochas.....	31
FIGURA 10: Visita aos projetos ao lado do Logepa na UFPB.....	32
FIGURA 11: Alunos no Logepa.....	33
FIGURA 12: Alunos do 2º EJA em Novembro de 2013:.....	35
FIGURA 13: Alunos do 2º EJA: Projeto Mapas do Mundo ou o Mundo dos Mapas: .....	35

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO 1 - O ensino da Geografia Escolar no Brasil</b> .....	14
<b>CAPÍTULO 2 - Desafios do professor da Geografia Escolar em discussão</b> .....	21
<b>CAPÍTULO 3 - O Laboratório de Geografia na Escola Estadual Professor Augusto Porto Caminha: uma experiência em curso</b> .....	26
<b>3.1 A ESCOLA</b> .....	26
<b>3.2 O LABORATÓRIO DE GEOGRAFIA</b> .....	27
3.2.1 Materiais do Laboratório .....	29
3.2.2 Atividades do Laboratório .....	32
3.2.2.1 Atividades em 2013 .....	34
3.2.2.2 Atividades em 2014 .....	36
<b>3.3 RESULTADOS DA PESQUISA</b> .....	36
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	39
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	42

## INTRODUÇÃO

A proposta central deste estudo visa discutir a importância das atividades do Laboratório de Geografia da Escola Estadual Professor Pedro Augusto Porto Caminha (E.E.P.A.C.), localizada no Bairro de Jaguaribe em João Pessoa - Paraíba, desde a sua criação no ano de 2011 até o ano de 2014. Buscamos apresentar a sua possível contribuição e suas potencialidades oferecidas aos alunos, aos professores e à escola, compreendendo esta experiência como uma ferramenta na busca de uma melhoria do aprendizado dos alunos e dos professores na sua prática docente.

A pesquisa surge com a necessidade de analisar a importância dessas atividades realizadas neste espaço denominado de Laboratório de Geografia no espaço escolar e fora dele. Necessidade, também, de responder aos questionamentos surgidos na prática docente diária, como por exemplo: é possível elaborar atividades criativas que possam prender a atenção dos alunos, sem deixar de aplicar os conteúdos curriculares e nem deixar de lado o uso do livro didático? O nosso aluno do ensino Médio Regular e EJA, tem conhecimento do laboratório? O aluno tem conhecimento da existência de materiais específicos de Geografia? É possível interdisciplinar atividades elaboradas ou não pelo laboratório de Geografia? Como os professores de Geografia da escola veem e utilizam o espaço em questão? Quais as dificuldades e a importância de se utilizar o Laboratório? Qual a sua impressão sobre a satisfação dos alunos em atividades nesse espaço?

Foi para responder a estes e outros questionamentos, visando auxiliar o professor na sua prática docente, que foram aplicados questionários junto, especificamente, aos alunos do 1º e do 3º anos do Ensino Médio regular e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do período matutino e noturno, totalizando 50 alunos, além da realização de entrevistas semiestruturadas com professores de Geografia, bem como conversas informais com alunos e funcionários da Escola. A escolha por essas turmas é devido estarem em momentos diferentes: o 3º Ano está terminando seu ciclo e o 1º está iniciando. Este último poderá nos fornecer elementos de base para nossas próximas atividades enquanto que a turma que estará saindo este ano, nos dá a oportunidade de ter um feedback e analisar a

nossa prática, a funcionalidade do laboratório e a sua contribuição na formação desses alunos.

No primeiro capítulo, abordaremos a temática da história do ensino da Geografia Escolar no Brasil, onde, sucintamente, descreveremos os momentos mais relevantes dessa história, associada, em alguns momentos, aos aspectos da conjuntura vivida no país. Para dar suporte a essa busca no tempo, selecionamos autores como Bigotto, Vitiello e Albuquerque (2009), Antonio Carlos Castrogiovanni (2007), e pesquisamos em revistas eletrônicas como revistaescola.abril.com (2014) e educador.brasilecola.com (2014) e alguns argumentos, frutos de experiências vividas com alunos e educadores.

No segundo capítulo, trataremos dos desafios do professor de Geografia Escolar das escolas públicas e seus dilemas na busca de conseguir a atenção e a participação de seus alunos, mesmo sabendo que a cada dia, torna-se mais desafiador o papel do professor na motivação dos seus alunos. Pois não basta dominar o conteúdo, explicá-lo e cobrá-lo, mas faz-se necessário despertar neles o interesse pela ciência, pelo conhecimento sistematizado. O professor se depara com uma situação muito mais complexa, onde o mais comum é ver reclamações de colegas professores sobre crianças, adolescentes e jovens apáticos a um modelo sistematizado de ensino em quase todas as áreas ou disciplinas. E em nossa escola, Escola Estadual de Ensino Médio Professor Pedro Augusto Porto Caminha, a situação, também, não é tão diferente.

Daí surge nossa preocupação como educador e professor de Geografia da E.E.P.A.C. em pesquisar sobre o laboratório de Geografia, suas ações e seus atores como uma das formas de intervir nessa realidade apresentada, na esperança de poder contribuir com um bom andamento do ensino e aprendizagem. E nessa discussão selecionamos algumas leituras especializadas de autores como: Silva (2013), Gadotti (2014), e Vesentinni (2009).

Entendemos que a Geografia é uma disciplina privilegiada, uma vez que pode contar com recursos importantes como a própria natureza e os lugares tanto na cidade como fora dela através de aulas em campo, por exemplo, e assim diz os PCNs (2001, p.30) que é necessário buscar

*[...] práticas pedagógicas que permitam colocar aos alunos as diferentes situações de vivência com os lugares, de modo que possam construir compreensões novas e mais complexas a seu respeito[...]*desenvolvam a

*capacidade de identificar e refletir sobre diferentes aspectos da realidade ,  
compreendendo a relação sociedade natureza [...].*

Diante do exposto, consideramos pertinente o uso de atividades e recursos que ofereçam suportes para enriquecer o processo de ensino e aprendizagem, seja com atividades em sala, em campo ou com projetos que levem ao desenvolvimento integral, socializado e interdisciplinar.

É nesse sentido que no terceiro capítulo discutimos sobre a importância da criação e das atividades do Laboratório de Geografia na Escola Estadual de Ensino Médio Professor Pedro Augusto Porto Caminha, como passo inicial e central de toda nossa pesquisa e, ao mesmo tempo, refletimos sobre as práticas pedagógicas dos professores de Geografia nesse espaço e suas possibilidades de intervenção no cotidiano escolar. Nele se busca compreender quais as principais necessidades do aluno do Ensino Médio e da EJA e quais as atividades mais relevantes desenvolvidas pelos professores e alunos, principalmente, na disciplina de Geografia na nossa escola.

## CAPÍTULO 1

# O ENSINO DA GEOGRAFIA ESCOLAR NO BRASIL

A maioria das pesquisas sobre a história do ensino da Geografia no nosso país trata das práticas de ensino. Porém elas são de grande importância, não somente para essa ciência, mas para a história da educação em seus mais variados aspectos. E para analisar a história de qualquer disciplina escolar, é importante destacar como elas surgem, como são construídas. Nesse sentido, observa Bigotto, Vitiello e Albuquerque (2009, p.5):

*As disciplinas escolares são, na realidade, construtos sociais, ou seja, elas são construídas pelas pessoas que compartilham da disciplina, seja na escola ou fora dela. Incluem professores, coordenadores, diretores, pais, alunos e demais sujeitos sociais que participam das práticas escolares, além de técnicos que elaboram currículos e programas e de pesquisadores de instituições acadêmicas que analisam as disciplinas escolares.*

Segundo Bigotto, Vitiello e Albuquerque (2009, p.6), “até o final do século XVIII, não havia em nosso país, manuais específicos de Geografia para se trabalhar em sala de aula”. Eles eram trazidos da Europa, de países como França ou Portugal. A vinda de D. João VI para o Brasil em 1808, trouxe um incentivo a publicação de materiais mesmo sem a presença de uma produção científica sobre o Brasil. Outro fato é que mesmo com a publicação de manuais, eles eram destinados apenas para professores (BIGOTTO, VITIELLO e ALBUQUERQUE, 2009). Um dos primeiros livros a ser publicado sobre a Geografia do Brasil foi o *corografia brasílica* de Padre Manuel Aires de Casal publicado em 1817 e trazia informações sobre características específicas de cada província do Brasil.

No entanto, já se fazia Geografia nesse país como afirma Melo *et al* (2014, p.2691):

*Porém, a Geografia já fazia parte do programa do Curso de formação de Engenheiros Geógrafos Militares da Academia Real Militar da Cidade do Rio de Janeiro, desde 1810. Os primeiros “geógrafos” brasileiros eram engenheiros, que exerceram papel importante na fundação e no desenvolvimento das primeiras Associações de Geografia.*

Durante o século XIX, os manuais produzidos no Brasil já valorizavam o método da memorização sem sequer acompanhar os métodos de pesquisa em discussão na Europa conforme afirma Bigotto, Vitiello e Albuquerque (2009.p.6):

*Temos como exemplos as obras de Aires de Casal, as publicações do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, algumas revistas raras como a Dous Mundos e alguns dicionários e almanaques elaborados nas províncias. Eram raros os autores de livros didáticos que tinham contatos com a produção científica europeia da época.*

Recentemente, foi encontrada uma publicação de José Saturnino, de 1836, denominada de Compêndio de Geografia Elementar destinada ao ensino militar, mas foi com a fundação do Colégio Pedro II que a Geografia Escolar teve um maior impulso no Brasil e ganhou mais importância.

A fundação do Colégio Pedro II em 1837 teve sua importância, uma vez que a partir dele aconteceu “uma produção mais sistemática da Geografia Escolar e uma organização do currículo escolar nacional” (BIGOTTO, VITIELLO e ALBUQUERQUE, 2009, p.7). Essa mesma escola recebeu um importante incentivador da Geografia, o professor Delgado de Carvalho, que publicou livros, introduziu uma regionalização do Brasil e propôs novas metodologias de ensino, pois ele veio de importantes universidades europeias trazendo ideias novas em discussão no velho continente. Outros nomes relevantes, também, vieram para contribuir com o ensino da Geografia como os professores Pierre Monbeig e Defontaines, na época da criação da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Universidade de São Paulo e do Departamento de Geografia em 1934.

Em 1900, a área de estudo da Geografia ganha mais espaço nas escolas de todo país. Acreditando-se que, conhecendo as características físicas dos lugares, o sentimento de nacionalismo e patriotismo seria despertado nos alunos. E em 1905, o livro Compêndio da Geografia Elementar de Manuel Said (1861-1953), propõe o estudo do Brasil por regiões, abrindo espaço para melhor conhecer o nosso território nacional (MOÇO, 2014.).

Desde 1925, Delgado de Carvalho em sua publicação *Geografia do Brasil*, já criticava a maneira que era ensinada e os conteúdos abordados nessa disciplina, pois segundo ele, eram distantes da realidade e prezavam pela memorização dos conteúdos aplicados. Segundo Bigotto, Vitiello e Albuquerque (2009, p.7), ao

pretender imprimir algumas mudanças ele propunha: “[...] iniciar os trabalhos escolares com conteúdos que se relacionavam à realidade do aluno, para então abordar temáticas mais distantes do seu universo. Fundamentava sua teoria pedagógica nos pressupostos da Escola Nova”.

Segundo o autor, existia por parte de Delgado de Carvalho, uma grande preocupação com a formação de professores de Geografia. Muitos professores não possuíam formação específica e para ensinar essa matéria, bastava demonstrar interesse pelos temas geográficos. Com ajuda de outros colegas, o professor Carvalho criou o Curso Livre de Geografia e História. Este curso trouxe desdobramentos relevantes para o ensino de Geografia Escolar, apesar dessas mudanças se restringirem a algumas escolas, incluindo o Colégio Pedro II. Em 1934, foi criado o Departamento e o primeiro curso superior de Geografia na USP e na Universidade do Brasil no Rio de Janeiro.

Alguns geógrafos formados nesses cursos superiores como Aroldo de Azevedo, Manuel Correia e Moisés Gicovate, publicaram e comercializaram livros até os anos 70 (BIGOTTO, VITIELLO e ALBUQUERQUE, 2009) e divulgaram ideias que traziam consigo os preceitos da Geografia “Lablacheana” (MORAES, 1999.) conservadora do ponto de vista pedagógico, porém de importância ímpar para a construção da ciência geográfica acadêmica.

No ano de 1934 foi criada a Associação dos Geógrafos do Brasil (AGB), por Pierre Deffontaines e congregou intelectuais de renome como Caio Prado Júnior, Luiz Fernando Morais Rego, Rubens Borba de Morais e Pierre Monbeig. A história dessa entidade está integrada a história do pensamento geográfico no Brasil e boa parte da sua produção científica passou pelos anais dessa associação (ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS DO BRASIL, 2014).

O mundo Pós-Guerra trouxe grandes transformações, não somente tecnológicas, mas na produção acadêmica e de ideias. O fato é que a influência dos ideais socialistas ganharam espaços nas academias. Os países ditos do Terceiro Mundo reivindicavam, cada vez mais, participação no cenário mundial. Essas mudanças repercutiram em todas as áreas da realidade sócio-espacial mundial e não diferentemente no meio acadêmico e escolar.

Arno Peters, cartógrafo e historiador alemão, confeccionou em 1973 um novo mapa do mundo onde dava maior destaque aos países do chamado “Terceiro



Mundo” e ao qual ele chamou de “Mapa para um mundo mais solidário”. (WIKIPÉDIA, 2014)

O livro do geógrafo francês Yves Lacoste, foi publicado em 1966 no Brasil denominado de “Geografia do Subdesenvolvimento” (MORAES,1999) com ideias de uma Geografia Crítica. Em 1976, foi lançado no Brasil o livro “A Geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra”(Ibid,1999) onde o autor afirma a existência de duas Geografias, uma passiva, de caráter neutro, a dos professores, sem pretensões e outra da guerra, feita pelos Estados-Maiores (Ibid,1999). Essas publicações tiveram grande influência no meio acadêmico, principalmente entre os geógrafos.

Nesse contexto, surge uma proposta de ensinar Geografia dando ênfase ao social, às denúncias ao capitalismo. Por vezes, essa proposta se apresentava numa prática militante das denúncias anticapitalistas de parte de seus adeptos, que explicavam os fenômenos sociais a partir da ideia de luta de classes, do modo de produção, ou seja, uma Geografia de base marxista e radical que propunha um rompimento com a Geografia Tradicional e mudanças na sociedade.

Havia no Brasil dos anos 60 e 70 uma conjuntura política desfavorável à disseminação dessas ideias, devido ao período de Regime militar, instaurado desde 1964, de repressão a qualquer tipo de ideal de democracia e liberdade. Esse Regime perseguiu os cursos de Geografia e de outras ciências como Filosofia, História e Sociologia, numa tentativa de neutralizar as possíveis críticas ao regime. “Criou-se a área de Estudos Sociais que no 1º grau, substituiu as anteriores disciplinas de História e Geografia no currículo - Lei nº 5692/71”(NIKITIUK, 2009. p.89) e as licenciaturas curtas com duração de um ano e meio. Esses cursos serviram para formar mão de obra para atender a demanda escolar que crescia substancialmente no país, tanto em número de alunos quanto de estabelecimentos. Tal crescimento acontecia no conjunto dos países subdesenvolvidos, como observa o geógrafo Yves Lacoste (1988, p 27):

*Para o conjunto dos países do Terceiro Mundo, a proporção dos escolares (primário e secundário) em relação ao número de crianças de idade escolar passou de 28% em 1950 para mais de 50% hoje (média que encobre grandes desigualdades segundo os países).*

Porém, a intenção era desqualificar o debate com um ensino “fragmentado, aparentemente sem um fio condutor [...], articulado a uma política de desqualificação acadêmica do professor” ( NIKITIUK,2009, p.90).

Sobre esse assunto, Vesentinni discorre na mesma vertente, quando compara a fragmentação da Geografia nos Estados Unidos com aquilo que estava sendo copiado aqui no Brasil:

*Ela foi fragmentada e incluída junto com a história e a sociologia (também caricaturadas), sob o rótulo de “ciências sociais”, uma disciplina que dispunha de poucas aulas por semana. Aqui no Brasil, na época da ditadura militar, também se reproduziu esse viés, tendo sido criada uma disciplina que unia a geografia com a história – mas não a sociologia, como nos Estados Unidos – denominada “estudos sociais. VESENTINNI (2009. p.70).*

A realidade nas escolas públicas e privadas do ensino básico durante a Ditadura era de cerceamento do debate sobre as questões sociais e políticas. Nos livros de OSPB (Organização Social e Política Brasileira) e de EMC (Educação Moral e Cívica), esta criada em 1969, “pretendia torná-la a principal responsável pela formação política do cidadão brasileiro” (FILGUEIRAS, 2014, p.5), valorizavam os símbolos, os heróis nacionais e os hinos que eram, diariamente, cantados nos pátios das escolas com hasteamento das bandeiras.

No entanto, a sociedade estava ávida pelas liberdades que havia perdido, começou a inquietar-se demonstrando anseios pela redemocratização, pela liberdade, pelo fim do regime militar instaurado em 1964. Veio a anistia, empurrada por esse desejo de mudanças e com ela a volta de nomes importantes como o de Milton Santos que tanto contribuiu para o debate interno sobre o rumo da Geografia e o seu objeto de estudo, que vinha numa discussão incessante no meio acadêmico.

Em 1978, Milton Santos (1926-2001), que é considerado um dos maiores nomes da Geografia no Brasil, publicou o livro “Por uma Geografia Nova”, onde nele preconiza a importância do estudo das questões sociais.

Desde os anos 80, com uma maior abertura política, intensificava-se o debate político na sociedade e o aumento de publicações didáticas de Geografia. Propostas curriculares foram elaboradas em muitos municípios brasileiros, muitas delas fundamentadas nas abordagens críticas, outras ainda arraigadas em abordagens tradicionais. Sobre essas abordagens diferentes, os PCNs (2001, p.22) enfatizam que:

*[...] tanto a Geografia Tradicional como a Geografia Marxista militante, negligenciaram a dimensão sensível de perceber o mundo: a primeira, por desconsiderar o conhecimento subjetivo do imaginário social; e, a segunda, além disso, por reduzir a explicação do mundo em uma abordagem econômica de luta de classes e o modo de produção.*

Ainda de acordo com os PCN (2001, p.24) “uma das principais características da produção acadêmica de Geografia dos últimos tempos foi o surgimento de abordagens que consideram as dimensões subjetivas”, pois nesse caminho o ensino de Geografia tem interagido muito melhor com outras áreas do conhecimento.

Desde o início do século XXI, a Geografia tem diversificado seu olhar e tem se preocupado bastante com a ação humana no planeta. Sobre este aspecto, afirma Castrogiovanni (*apud* SILVA e SILVA, 2014, p.42):

*Nesta primeira década do século XXI, a geografia, mais do que nunca, coloca seres humanos no centro das preocupações, por isso pode ser considerada também como uma reflexão sobre a ação humana em todas as suas dimensões [...]. Na realidade, ela é um instrumento de poder para aqueles que detêm os seus conhecimentos.*

Vale ressaltar que em 1993 foi inaugurado o Núcleo de Pesquisa sobre Espaço e Cultura da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (NEPEC) que tem como objetivo difundir a tradição geográfica que privilegia os estudos da Nova Geografia Cultural no Brasil e no subcampo da Geografia da Religião.

Outras tantas pesquisas foram realizadas nos últimos anos no Brasil, sobre as mais variadas áreas de abrangência da Geografia, e isso tem refletido positivamente na construção de novas práticas docentes e a AGB tem tido uma importante participação.

Enfatizamos, ainda, que a avaliação dos livros didáticos feitos pelo Ministério da Educação se coloca como fator relevante, aliando-se ao fato de que a Geografia tem adquirido mais importância nos dias de hoje. Esse aspecto tem se caracterizado pelas mudanças aceleradas que ocorrem com o processo de globalização da economia e a formação dos blocos econômicos, geopolítica mundial, desenvolvimento e subdesenvolvimento, terrorismo, mudanças climáticas, água potável, fluxos de pessoas e de informações, desenvolvimento e sustentabilidade, entre outros.

Nessa conjuntura de mudanças aceleradas, a escola e o professor das áreas de Ciências Naturais, principalmente, tem buscado uma postura consciente e coerente com a realidade cada vez mais próxima dos alunos, valorizando os lugares e seus aspectos humanos e ambientais, movido, talvez, pelas campanhas midiáticas com temas relacionados e que a sociedade passou a exigir uma resposta da escola e do professor. Essa é uma característica vivida atualmente, cuja informação chega aos alunos pelas mais diversas vias de comunicação numa velocidade em tempo real e ele externa essas informações de forma não organizada, ideologizada. Daí a preocupação da intervenção da escola e do professor na tarefa de organizar essas informações. Tarefa difícil, porém desafiadora e necessária que a escola terá que assumir e propor saídas em conjunto com a sociedade.

## CAPÍTULO 2

# DESAFIOS DO PROFESSOR E O ENSINO DA GEOGRAFIA ESCOLAR EM DISCUSSÃO

Não queremos com esse estudo, elaborar uma forma mágica de como trabalhar a Geografia na escola, nem tampouco menosprezar possíveis práticas existentes, mas suscitar o debate, que já não é de hoje, e é uma preocupação abrangente a outras disciplinas escolares. Acreditamos sim, que podemos contribuir com essa discussão, mesmo que de forma tímida para a realização de ações positivas para o processo de ensino e aprendizagem.

O que fazer para tornar exitosa nossa prática educativa? Será possível enfrentar um desafio tão grande? Ou será mais fácil deixar as coisas como estão? Em nossa pesquisa buscamos elencar alguns dos principais problemas enfrentados pelos professores, especialmente de Geografia da escola pública estadual. E tentando vencer esses problemas os professores vivem experimentando estratégias e procedimentos dos mais variados.

Discutir ações pedagógicas é fugir de generalizações, pois cada escola tem sua realidade própria, sem nenhum modelo pronto e acabado. É assim que descreve Gadotti (1998, p.22) sobre a singularidade de cada escola:

*[...]não existe um único modelo capaz de tornar exitosa a ação educativa da escola. Cada escola é fruto de suas próprias contradições[...] incentivar a experimentação pedagógica e, sobretudo, ter uma mentalidade aberta ao novo e não atirar pedras no caminho de ninguém que queira inovar em educação.*

Ainda sobre êxito escolar:

*São as modificações cotidianas das práticas e a conquista através do convencimento de todo o coletivo escolar envolvido no processo de ensino-aprendizagem que podem construir as verdadeiras condições, ou melhor, o ambiente propício ao êxito escolar [...] (AIGNER, 2003, p.44)*

Talvez, o primeiro passo para enfrentar o desafio de ser um professor de Geografia que atenda as necessidades apresentadas na realidade escolar atual é

“abandonar a visão apoiada simplesmente na descrição da Terra e o Homem, com informações sobrepostas do relevo, clima, população e agricultura” (PCNs, 2001, p.310). Um exemplo do que citamos é visto no caderno de apontamentos de um aluno de uma escola pública do Município de Ipaumirim – CE no ano de 1945:

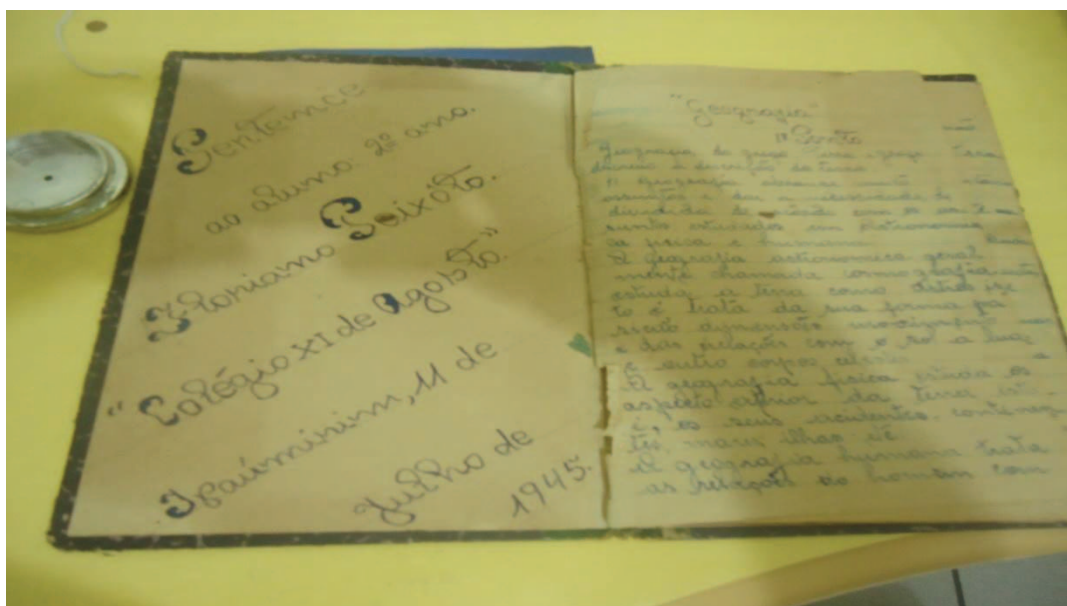


Figura 1 – Caderno de apontamentos de 1945. Fonte: Acervo pessoal, 2013

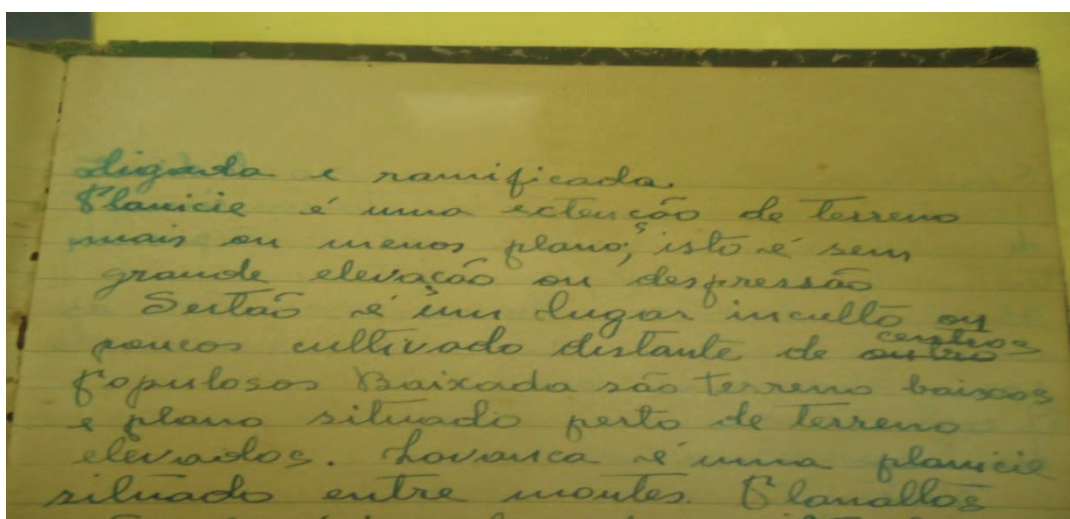


Figura 2: Anotações de Geografia à pena. Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Ainda é possível encontrar facilmente nos cadernos dos alunos de hoje, apontamentos como esse da figura 1, ou seja, há mais de meio século. Porém, a maioria dos professores têm se esforçado para fugir do tradicional.

Também, acreditamos que o professor não deva enveredar pela prática de um modelo “doutrinário de denúncia, na perspectiva de uma sociedade pronta em que todos os problemas já estivessem resolvidos” (PCN, 2001, p.310.).

O que seria tradicional em termos de educação brasileira?

“O modelo denominado ‘educação tradicional’, é aquele enraizado no seio da sociedade escravista, aristocrática brasileira e que predominou no Brasil até a década de 1930” (AIGNER, 2003, p.39). E reforçando seu pensamento o autor cita Gadotti (*apud* AIGNER, 2003, p.39):

*Os historiadores da educação como Bárbara Freitag, costumam dividir em três períodos distintos a história da educação brasileira: primeiro do descobrimento até 1930: período em que predominou a educação tradicional, centrada no adulto e na autoridade do educador, marcadamente religiosa e o ensino privado; segundo de 1930 até 1964 [...] com o surgimento da escola nova, centrada na criança e nos métodos renovados, por oposição à educação tradicional; e terceiro, o período pós-64, iniciado por uma longa fase de educação autoritária dos governos militares, em que predomina o tecnicismo educacional.*

Não é tarefa fácil abandonar práticas tradicionais diante, muitas vezes, do que é cobrado do professor, como afirma Silva (2013, p.7):

*Muitas vezes preocupado em dar conta de todo o conteúdo, o professor apresenta diversos conceitos sem dar importância a este ou aquele detalhe, apresentando listas de nomenclaturas, sem que haja um aprofundamento desses conceitos, sem que para o aluno represente um conhecimento significativo.*

Em seguida, continua a autora colocando mais ênfase na construção de uma prática docente voltada para a valorização do lugar e da cidadania:

*[...] é necessário utilizar do vivido no plano de ensino, tornando o aluno um cidadão ligado à comunidade à qual pertence. É preciso explicar ao invés de descrever, analisar e interpretar ao invés de inventariar e classificar, para não cairmos no enciclopedismo, ou ainda pior, em uma despolitização total. (SILVA. 2013, p.8)*

Mais difícil se torna o abandono do tradicional quando se trata do Ensino de Jovens e Adultos (EJA) do período noturno, pois alguns atenuantes devem ser levados em consideração como: o curto tempo das aulas e do curso; a defasagem escolar da maioria; o baixo rendimento devido se tratar de alunos que já cumpriram sua jornada de trabalho; a evasão, entre outros. Não se pretende com isso atestar

algum tipo de incapacidade dos mesmos na aquisição do saber geográfico, apenas instigarmos os professores a usar toda sua criatividade na tarefa de mediador do processo.

Outro fator relevante nesse aspecto é entender a realidade de nossos jovens e das mudanças aceleradas que acontecem a sua volta. Cada vez mais os desafios de prender a atenção dos alunos se torna uma tarefa difícil de conseguir, pois somado aos problemas já citados, as novidades tecnológicas que se massificam, como celulares equipados cada vez mais com aplicativos de comunicação instantânea, que prendem a atenção deles, com mensagens, vídeos, músicas e outros recursos. Isso tem levado os alunos a desenvolver uma cultura que privilegia o audiovisual em vez do livro. Nesses termos, Vesentinni (2009, p.66), apresenta que:

*Várias pesquisas, em diversos países do mundo – nos Estados Unidos, na França, na Alemanha, no Japão, no Brasil e outros –, evidenciaram que nos últimos anos os jovens passam cada vez mais tempo na frente da TV e, principalmente, utilizando o computador – seja praticando jogos, seja navegando na internet, principalmente em sites de relacionamentos sociais etc. Em suma, as novas gerações leem menos que as anteriores e, em contrapartida, passam mais tempo na frente do vídeo ou do monitor. Em termos relativos, elas têm uma cultura menos livresca e mais visual.*

Um aspecto, também, preocupante, principalmente, nas escolas públicas e nos períodos noturnos, é a violência que se manifesta a partir de comportamentos agressivos, de ameaças, de palavras de baixo calão, de desrespeito às regras mais elementares como fumar em espaço público, escutar músicas em aparelhos celulares em volume alto, usar roupas inadequadas, quando não é permitido, fazer inscrições nas carteiras e paredes fazendo alusões aos grupos criminosos, depredações de patrimônio entre outras formas de violências menos visíveis.

Nesse sentido, a escola exerce um papel, cada vez mais relevante na vida dos jovens quando falamos em cotidiano, vivências e ações.

Destacamos que a escola deve proporcionar esse intercâmbio com os lugares, escola e casa, vida dentro e fora dela, além de incluir em sua metodologia conteúdos interdisciplinares, através do estudo da realidade social inserido no campo da Geografia. Segundo a Lei das Diretrizes e Base Nacionais (LDBN), no seu artigo 26 § 1º estabelece que o estudo do concreto, do natural, da realidade social, está se referindo a Geografia: “[...] Os currículos a que se refere o caput devem



abranger, obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil [...]” (BRASIL, 1999.p.31).

Isso nos impulsiona a buscar aulas com objetos concretos como amostras de rochas, fósseis, maquetes, globo, mapas e lugares em atividades extraclasse. Entendemos que a aula de campo ou aula pesquisa, é uma ferramenta poderosa na aprendizagem da Geografia e, também, de outras disciplinas escolares, como História, Sociologia, Filosofia, Física, Biologia e Literatura. Sobre o estudo do concreto Schäffer (*apud* SILVA, 2013, p.13) escreve:

*[...] permite a construção do conhecimento a partir da realidade observada, analisada e contextualizada no tempo e no espaço, constituindo uma possibilidade de superação da fragmentação do conhecimento, na medida em que o estudo do real apresenta uma multiplicidade de aspectos que apontam para a concorrência das diversas áreas do conhecimento. É sobretudo, uma vivência capaz de oportunizar o confronto concreto e simultâneo da teoria e da prática.*

Nesse sentido, a aula pesquisa proporciona um intercâmbio de conhecimentos enriquecendo a aprendizagem, uma vez que esses conhecimentos estão de forma não fragmentada no ambiente real (natural ou artificial), ou seja, uma ida a um ambiente pode exigir vários conhecimentos não só de Geografia como de outras disciplinas, dependendo da exuberância de elementos disponíveis. E ainda, se muitos desses conhecimentos não chegam à sala de aula, muitas das vezes, para não incrementar mais conteúdos ao programa estabelecido, a ida a esse ambiente fora da escola seja, talvez, o elo de ligação entre o saber apresentado pelo professor e o saber previamente adquirido empiricamente ou não pelo aluno, promovendo uma situação favorecedora da aprendizagem.

## CAPÍTULO 3

# LABORATÓRIO DE GEOGRAFIA DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR PEDRO AUGUSTO PORTO CAMINHA: UMA EXPERIÊNCIA EM CURSO

### 3.1 A Escola

Escola Estadual de Ensino Médio Profº Pedro Augusto Porto Caminha (EEPAC), foi fundada em 16/02/1971, sob decreto nº 5.214, com o nome Colégio Estadual do ABC. Funciona no prédio do antigo colégio religioso Sagrada Família, localizada a rua Frei Martinho, nº 355, bairro de Jaguaribe, atendendo, atualmente, a 850 alunos do ensino Médio, nos três turnos: manhã, tarde e noite. Em 2011, a escola chegou a atender um total de 2.250 alunos nos três turnos. A Escola atende desde alunos de várias comunidades de baixa renda que ficam nas proximidades, além de alunos que se deslocam de bairros periféricos distantes, como moradores do próprio bairro. Tem uma localização e um espaço físico privilegiado: Localizada num bairro central de fácil acesso, possui 16 salas de aulas por, auditório, biblioteca, laboratório de Informática, Química, Biologia, História, Matemática e Geografia, sala de vídeo, quadra de vôlei, futsal e campo de futebol.



Figura 3: Aspecto frontal da Escola Estadual Professor Pedro Augusto Porto Caminha (E.E.P.A.C.).  
Fonte: eepac.blogspot.com – acesso em maio de 2014.

A escola, desde 2013 passa por um processo de intervenção, onde os gestores têm tentado tomar medidas para organizar várias áreas, incluindo a volta do Ensino Médio Regular, pois no ano de 2012 a mesma foi incluída no projeto do Ensino Médio Inovador, que funcionava de forma precária, principalmente por não oferecer estrutura para manter os alunos em horário integral.



Figura 4: Aspecto interior da E.E.P.A.C: quadras de Futsal e Vôlei.  
Fonte: Acervo pessoal – 13/05/2014.

A implantação do Ensino Médio Inovador terminou por afastar a maioria dos alunos, uma vez que a maioria deles utiliza o seu horário oposto às aulas para ajudar a família, seja trabalhando, seja cuidando dos irmãos ou parentes ou até mesmo se preparando em cursos. Já o turno noturno manteve uma regularidade na quantidade de alunos, por ser Ensino Médio Acelerado em um número de 12 turmas e Médio Regular em apenas quatro turmas. A escola possui um total de 54 professores, sendo 4 de Geografia.

### **3.2 O Laboratório de Geografia**

No nosso entender, o espaço que denominamos de Laboratório de Geografia, é um suporte físico para a realização de atividades e produção de saberes envolvendo experiências tanto de professores quanto de alunos. É uma pequena ação considerando todas as ideias e os saberes que envolvem a aprendizagem em

nossa escola, porém nosso intuito é partir de pequenas ações que possam ganhar força mais adiante e promover possíveis mudanças. A inspiração no sentido de promover pequenas mudanças está em palavras como as de Gadotti (1998.p.22):

*[...] houve uma época em que eu pensava que as pequenas mudanças impediam a realização de uma grande mudança. Por isso, no meu entender, as pequenas mudanças deveriam ser evitadas e todo investimento deveria ser feito numa mudança radical e ampla. Hoje, minha certeza é outra: penso que no dia-a-dia, mudando passo a passo, com pequenas mudanças numa certa direção, podemos operar a grande mudança, a qual poderá acontecer como resultado de um esforço contínuo, solidário e paciente.*

Com esse pensamento, surge a ideia de criar um laboratório de geografia escolar, durante o curso de Licenciatura em Geografia, entre os anos de 2000 e 2005. Essa ação foi estimulada pelas discussões em grupo, pelas aulas práticas com materiais do LOGEPA (Laboratório de Geografia da Paraíba da UFPB) e com amostras de rochas e icnofósseis encontrados nas aulas de campo e no minimuseu de Paleontologia. Esses locais serviam para despertar o interesse de multiplicar os conhecimentos adquiridos nessas oportunidades, com a prática docência nas escolas onde muitos de nós já trabalhávamos.

A criação do Laboratório de Geografia na Escola Estadual de Ensino Médio Professor Pedro Augusto Porto Caminha, pressupõe a realização de antigas aspirações surgidas, primeiramente, como acadêmico idealizador e, posteriormente, na prática como professor, uma vez que, no exercício da profissão, sentimos uma carência enorme por parte da maioria dos alunos de noções básicas nessa área de estudo. A pretensão foi desenvolver atividades e projetos que subsidiassem o aprendizado das ferramentas geográficas necessárias ao estudo dessa e outras disciplinas.

A palavra “laboratório” nos remete às experiências com tubos de ensaios, instrumentos delicados, entre outros. Porém a nossa compreensão é de que se trata de um espaço dedicado a atividades e experiências do ensino da disciplina Geografia.

Primeiramente, consideraremos a dificuldade de se compreender ou apreender a ideia da necessidade de existência de um laboratório de geografia diante de uma velha práxis de se implantar laboratórios de disciplinas como Ciências Biológicas, que inclui Química, Matemática e Física. Há um desconhecimento

compreensível, por parte de muitos, sobre o que vem a ser e fazer um laboratório de uma disciplina que até bem pouco tempo era tida como decorativa.

Ter um espaço para a disciplina de Geografia, como um laboratório na nossa escola, surge de questionamentos feitos por um Professor de Geografia (autor desta pesquisa) aos colegas e à direção da mesma, uma vez que já haviam espaços determinados para outras disciplinas, alguns inclusive ociosos. Na ocasião, os questionamentos foram em torno de: “O que é e o que faz um laboratório de Geografia?”. Respondida as indagações, a diretora logo se prontificou a disponibilizar uma sala pequena ao lado da sala dos professores. A sala para o funcionamento foi desocupada e preparada para que fosse iniciada a sua arrumação.

Na semana seguinte, fomos surpreendidos pela notícia de que a diretora havia trocado a sala por outra maior que pertencia à área de Matemática com o argumento de estar ociosa. E, nesta, instalamos os equipamentos e os materiais para a construção do Laboratório de Geografia.

### **3.2.1 Materiais do Laboratório**

Um passo considerável para o início do funcionamento da sala foi à chegada de materiais didáticos como vários mapas novos vindos da Secretaria da Educação num total de 35 mapas devidamente separados em sua própria embalagem, cilíndrica e apropriada. Mapas estes não apenas de Geografia, mas de História, também. Já havia alguns mapas, no entanto, mal conservados e muitos trabalhos feitos pelos alunos e sem nenhuma serventia, deteriorados, ou seja, trabalhos sem continuidades, lixo.

Também há um miniplanetário do sistema Sol-Terra-Lua que é um ótimo simulador para entender os movimentos dos astros e as fases da Lua e seus eclipses. Três globos, sendo um construído com o intuito de mostrar a estrutura interna da Terra. Outros materiais foram trazidos e doados pelos professores como: livros usados de Geografia e História, bem como umas amostras de rochas e minerais e material reciclado que fazem parte de outras ideias e projetos de reaproveitamento, com finalidade educativa permanente (Figura 5, 6, 7, 8 e 9). Uma

mesa redonda grande, algumas cadeiras e um armário servem de apoio para estudos e atividades.



Figura 5: Mapas e globo: material do Laboratório.  
Fonte: Acervo pessoal, 2014.



Figura 6: Mini-planetário: material didático do Laboratório.  
Fonte: Acervo pessoal, 2014.



Figura 7: Detalhe do Laboratório de Geografia e parte de seu material.  
Fonte: Acervo pessoal, 2014.



Figura 8: Globo Temático.  
Fonte: Acervo pessoal, 2014.

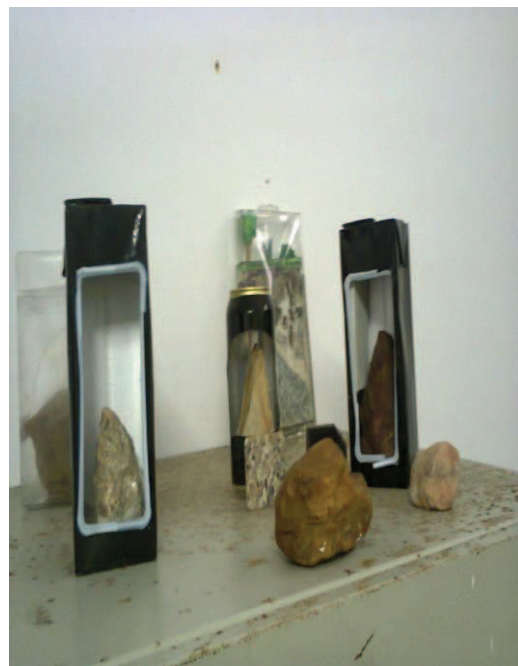


Fig. 9: Amostras de rochas.  
Fonte: Acervo pessoal, 2014.

### 3.2.2 Atividades desenvolvidas pelo Laboratório da E.E.P.A.C

A primeira atividade oficial do laboratório foi realizada em Maio de 2011 envolvendo todos os alunos dos 2º Anos do Ensino Médio do período diurno. Esta atividade além do professor de Geografia (Idealizador do Laboratório) teve o envolvimento de mais dois professores, um de História e outro de Matemática que, na ocasião, mostraram-se interessados. Foram quatro visitas ao Laboratório de Geografia da Paraíba, localizado na Universidade Federal da Paraíba, Campus de João Pessoa, onde fomos recebidos e orientados por estudantes voluntários e estagiários do curso de Geografia, acerca de temas gerais dos aspectos fisiográficos e socioeconômicos do Estado da Paraíba. Houve interatividade e motivação de ambas as partes, principalmente quando passamos para a apresentação dos projetos em andamento na área verde externa em volta do LOGEPA.



Figura 10: Visita aos projetos na mata ao lado do LOGEPA na UFPB  
Fonte: Acervo pessoal, 2011.





Figura 11: Alunos assistindo a apresentação de estagiários do LOGEPA  
Fonte: Acervo pessoal, 2011.

Para a realização desta primeira atividade, foi necessário um desprendimento dos alunos que deveriam se deslocar até a UFPB, com seus próprios meios e recursos, o que foi facilmente aceito sem polêmica. Seguiu-se um grupo maior com os professores em ônibus coletivo e alguns outros de outras formas, sendo antecipadamente comunicado e assinado pelos pais ou responsáveis por se tratar de alunos ainda menores de idade.

Confeccionou-se um vídeo sobre essa primeira atividade (Disponível em [maisgeografia-professorluiz.blogspot.com](http://maisgeografia-professorluiz.blogspot.com)) com as passagens mais importantes dela. Como resultado imediato dessas visitas, alguns alunos se interessaram por aprender a construir maquetes de representação de curvas-de-nível (em anexo) chegando a produzir maquetes da Região Nordeste e desenhar perfis topográficos.

Durante o ano letivo de 2012, as atividades do laboratório de Geografia do EEPAC foram incorporadas pelo projeto do Ensino Inovador com atendimento e aulas de reforço durante o período vespertino e com uso de materiais como mapas também no período noturno, tanto por professores de Geografia, de História como de Literatura:

- Aulas expositivas dialogadas com auxílio de slides sobre conceito de espaço geográfico;

- Análise de situação-problema (discussão sobre paisagem, território, lugar e espaço geográfico); Visão socioambiental e as demarcações territoriais (discussão e debates).
- Aulas sobre cartografia (análise de mapas) com os mapas que estão disponíveis no laboratório;
- Estrutura geológica e relevo (aulas desenvolvidas com recursos do laboratório – rochas, mapas geomorfológicos e vídeo).

Como atividade individualizada, com propósito de desenvolver um futuro projeto envolvendo as novas tecnologias, no mês de Outubro de 2012, foi enviado por email, um questionário para um 3º Ano do Ensino Médio Regular. Porém, diante dos poucos questionários respondidos não foi possível obter resposta para que fosse dada continuidade a esse tipo de projeto.

### **3.2.2.1 Atividades do 2º semestre de 2013**

As atividades do 2º semestre de 2013 se basearam na seguinte indagação do projeto contemplado pelo Prêmio Mestre da Educação 2013 pela Secretaria de Educação do Estado da Paraíba: “*Os mapas do mundo, ou mundo dos mapas?*”.

A ideia de se trabalhar mapas com os alunos da EJA não é recente, porém sempre que eram iniciados alguns assuntos relacionados ao início da formação do território brasileiro, ou mesmo algumas questões relacionadas à literatura brasileira ou formação étnica do povo, entre outras questões, quando se desenhava no quadro o mapa do Brasil, identificando o meridiano de Tordesilhas, o arquipélago de Cabo Verde, percebíamos certa dificuldade por parte dos alunos em localizá-los.

Depois de conversas com os professores das disciplinas de Português, Filosofia e História, respectivamente, veio a decisão de iniciar o projeto de utilização de mapas em sala e no laboratório de Geografia para auxiliar os alunos na compreensão espacial do mundo, uma vez que é uma necessidade eminente da maioria, no que diz respeito aos assuntos das três disciplinas como, por exemplo: “Descobrimto do Brasil”; “O período das Grandes Navegações”; “O Tratado de Tordesilhas”; “A Península Ibérica”; “A conquista da América”; “Capitalismo Comercial”, entre tantos outros assuntos ligados indiretamente.

Foram realizados questionários com alunos participantes e depoimentos de professores envolvidos, bem como fotografados alguns momentos interessantes como se pode observar nas figuras 12 e 13.



Figura 12: Alunos do 2º Ano EJA interagindo na aula em Nov/2013  
Fonte: Acervo pessoal, 2013.



Figura 13: Alunos do 2º Ano EJA em Nov.2013.Fonte:Acervo pessoal, 2013.

O projeto deteve-se, praticamente, em apresentar os principais mapas, partes constitutivas e seus elementos, na tentativa de torná-los familiarizados e despertar o interesse em seus estudos. Foi atribuído nota de participação como forma de incentivo aos alunos participantes.

### **3.2.2.2 Atividades em 2014**

Neste ano, as atividades estão sendo direcionadas para aulas com uso de vídeos, mapas e outros materiais disponíveis no Laboratório, além de aulas de campo. Foi feita uma atividade no Centro Histórico, direcionada ao estudo dos aspectos arquitetônicos e a influência religiosa na vida da cidade ao longo da história de nossa cidade. Atividade esta apoiada por professores de várias disciplinas.

Outra atividade foi a ida a Estação Ciência Cabo Branco onde, também, se explorou aspectos arquitetônicos como geográficos, por se tratar de um lugar privilegiado geograficamente por ser o extremo Leste Oriental do Brasil, ambas coordenadas pela disciplina de História, mas com abrangência as demais disciplinas, tornando-a de caráter interdisciplinar. Em 2014, muitas têm sido as aulas ministradas na sala do Laboratório, principalmente, quando os assuntos são relacionados a materiais existentes no local e se tem dificuldades em transportá-los até a sala de aula. Aulas com ajuda do Datashow, mapas e globos.

### **3.3 Resultados da Pesquisa**

Ao longo desses últimos três anos e meio, muitos têm sido os desafios enfrentados para afirmar a importância do Laboratório de Geografia Escolar da E.E.P.A.C. e sua prática. Sabemos que são os resultados que garantirão a conquista desse espaço e a sua permanência. Diante desses pressupostos, procuramos extrair respostas que nos fazem repensar sobre nossa prática e o aprendizado proporcionado pelas atividades, tanto para alunos quanto para nós professores envolvidos diretamente.

No que se refere a primeira atividade realizada em 2011, muitos foram os ensinamentos, principalmente na consolidação do Laboratório que na ocasião tinha conseguido a sala sob olhares de dúvidas. A atividade de visitação ao LOGEPA da

UFPB, além de promover o contato dos alunos (muitos pela primeira vez) com a instituição, puderam ver uma maquete gigante do Estado da Paraíba e informações sobre aspectos físicos e socioeconômicos do nosso Estado, conhecer alunos bolsistas e seus projetos dentro e fora do LOGEPA (na mata de preservação da UFPB que fica ao lado do LOGEPA).

Ao retorno dessa atividade, foi incrementado ao conteúdo dessa série (2º Ano do Ensino Médio) noções de Cartografia e atividades práticas com detalhes de cartas topográficas, explorando as curvas de nível, onde uma parte considerável compreendeu essa técnica. Mas apenas quatro alunos se propuseram a se aprofundar no conhecimento de construção de perfis topográficos e escalas e, apenas, dois se dispuseram a construir maquetes, pois essas maquetes foram construídas em horários opostos ao das aulas. Esse foi um ponto de dificuldades que afastou alunos dessa atividade.

Durante o ano de 2012 não foram desempenhadas atividades fora da escola. O motivo principal foi a inclusão da escola no projeto de escola integral, com o Ensino Médio Inovador. Ironicamente, o que seria inovador, serviu para desarticular o que se havia planejado, pois outros projetos como a horta comunitária, nunca chegou a ser concretizado mesmo sendo o projeto principal e interdisciplinar. No entanto, outros projetos foram implementados por demais disciplinas como Matemática, Física, Biologia.

Diante dos acontecimentos restou para os professores de Geografia, História, sociologia e Filosofia, desenvolver suas atividades dentro de suas possibilidades, se adequando ou não nos requisitos do grande projeto de nome inovador. Em 2012, o Laboratório serviu como sala de apoio para aulas de reforço em horário oposto e espaço de discussão e planejamentos dos professores de Geografia e de História.

As atividades do laboratório do ano letivo de 2013, que resultaram no projeto contemplado pelo Prêmio Mestres da Educação, foram importantes para manter viva a esperança da proposta de se trabalhar com o concreto, com o pouco de material existente e, também, a conquista definitiva do espaço e suas potencialidades. Além do projeto premiado, outras atividades paralelas feitas durante o período diurno e algumas turmas do período noturno, como aulas com uso de datashow, amostras de rochas, mapas e globo temático.

Sobre o que pensam os alunos do 1º Ano B do Ensino Médio Regular (20 alunos), obtidos por intermédio de questionário, elaborado com perguntas objetivas

e subjetivas a respeito do laboratório, conseguimos comprovar que os mesmos têm pouco tempo de escola e ainda não tiveram oportunidade de conhecer os materiais didáticos do laboratório e da escola como um todo. Mesmo assim a maioria, 60% dos alunos, expressa que raramente o professor utiliza, e que não têm conhecimento de que acontece atividades de campo. Mas 100% gostariam de participar de um horário específico para atividades extraclasse como aula de campo e oficinas.

Os 14 alunos entrevistados do 3º EJA C do período noturno, expressaram o desejo de ter horário específico para oficinas e outras atividades de laboratórios. Reconhecem a existência de atividades extraclasse e 75% destes participaram. Porém, afirmaram que ocorrem raramente e que essas atividades têm caráter de passeio e de aula ao mesmo tempo, sendo atividades excelentes para aprendizagem, afirmam 95% dos alunos.

Como uma forma de resumir o sentimento de satisfação dos professores de Geografia da escola em relação ao laboratório, escolhemos o depoimento de um professor, que chamaremos aqui de Professor 1:

*“O laboratório de geografia desempenha um papel importante como mediador da geografia, propondo uma visão de localização a partir da realidade do aluno, facilitando em especial a relação ensino/aprendizagem. Os alunos, no primeiro momento, se sentem maravilhados ao entrar no laboratório. Logo depois se sentem impulsionados a aprender, pois nunca tiveram a oportunidade de discutir a geografia tanto física como humana em um local “próprio” da geografia, tornando as discussões e debates muito mais produtivos que em sala de aula. Percebemos que no laboratório de geografia os alunos se sentem mais a vontade para questionar a cerca de vários temas”.*

Conclui-se que, as mudanças ocorridas na escola como a introdução do Ensino Inovador em 2012 e a sua exclusão em 2014, serviram de empecilhos para uma ação mais dinâmica do laboratório de Geografia, uma vez que exigia uma concentração de forças para projetos como o da criação da horta, que não chegou a ser implementado por motivos que não chegamos a pesquisar, e o remanejamento de professores para outros turnos. No início do ano letivo de 2014, tivemos a notícia de que a E.E.P.A.C voltaria ao Ensino Médio Regular e à EJA como era antes de 2012, porém a maior parte dos alunos já tinham migrado para outras escolas e mesmo com a tentativa de atrair alunos, iniciou-se o ano letivo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se considerarmos o fato de que grande parte da problemática no ensino da Geografia Escolar no Brasil atual, não é exclusividade dessa disciplina escolar e sim abrangente as demais áreas do conhecimento, acreditamos que as soluções para tal passarão por um processo demorado. Por um lado, os modelos educacionais importados e o tradicionalismo positivista, enraizados no seio de nossa sociedade, concebem, ainda, até hoje, o ensinamento da Geografia Escolar como transmissão de dados e conceitos que ajudam a explicar os fenômenos do espaço geográfico.

Por outro, o desinteresse e a apatia por parte considerável de alunos em relação a esse modelo de aula, aliado a outras tantas dificuldades enfrentadas pelos professores de Geografia da rede pública de ensino, dificultam a aprendizagem e o desenvolvimento educacional.

Assim, buscando contribuir na melhoria das aulas e atividades, trazemos a importância da experiência do Laboratório de Geografia da Escola Estadual Professor Pedro Augusto Porto Caminha, onde, fora constatado através de notas dos alunos, interesse nas atividades etc., mesmo com os poucos recursos materiais disponíveis. Para que isso se concretizasse, foi imprescindível a coragem e a experiência de muitos anos em sala de aula e o desprendimento em querer fazer o “mais difícil”: empreender esforços para superar os desafios existentes no ensino como um todo.

Salientamos que esta dificuldade está não somente na incapacidade de apreensão da importância dessas ações, mas talvez, na certeza de um embate e um confronto com a práxis cristalizada de alguns atores participantes do meio escolar. Isso ficou aparente quando recorremos ao estudo da história dessa disciplina escolar e da própria escola em nosso país, onde escola tem importado modelos e ideias na tentativa de construir uma educação que contemplasse os anseios do povo, mas sem por em risco modelos preestabelecidos capitalistas.

A criação do Laboratório de Geografia da E.E.P.A.C. proporcionou algumas alterações na rotina da escola, uma vez que ele abriu um leque considerável de possibilidades no ambiente escolar como, por exemplo: a saída para a aula pesquisa no ano de 2011, que foi uma experiência ímpar na escola e alterou não só o horário de outros professores, como originou o debate sobre esse tipo de atividade.

A partir desta experiência, um primeiro passo foi dado na criação de outras possibilidades de atividades que poderão acontecer tanto internamente, no espaço da escola, como externamente na área urbana ou na área rural. Apesar de reconhecermos que essas atividades aconteceram de forma esporádica e com pouco envolvimento dos que fazem a escola, ou seja, trabalhos ainda pouco compartilhados com os que fazem a escola.

A coleta de materiais e dados dessas aulas poderá ser utilizada em futuras aulas dentro da própria sala de aula. O campo não, necessariamente, é fora da escola, fisicamente falando, ele pode abranger o campo das outras disciplinas como atividades interculturais, e para tais atividades o professor de Geografia deverá discutir e respeitar as fronteiras de cada uma delas.

Como sugestão, indicamos, nos casos onde o espaço físico não tiver disponível pode-se planejar atividades, também, dentro e fora da escola, mesmo não podendo guardar todo material produzido por essas atividades. Nesses casos, o mais importante é preencher os espaços e conquistar confiança daqueles que estão envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Além da área cartográfica, o espaço denominado Laboratório de Geografia, pode incentivar a “aula de campo” onde, pouco a pouco, o termo “passeio” poderá dar lugar a um pensamento mais aproximado ao que se propõe que é a “aula-pesquisa” e o desenvolvimento de projetos interdisciplinares, bem como uma proposta de ensino diferenciado com o objetivo de melhorar o processo ensino e aprendizagem de forma geral e integrada. A “aula-pesquisa” ajudará o aluno a compreender uma importante ferramenta geográfica que é o olhar, pois estar diante do objeto de pesquisa é muito mais cativante e prazeroso, além de facilitar outros aprendizados fundamentais na leitura das paisagens. E, esse contato direto com o objeto de estudo pode diminuir alguns dos nossos discursos e explicações intermináveis sobre temas geográficos, como por exemplo: vegetação, solo, sítio urbano, etc.

Vivemos e estamos inseridos numa cidade privilegiada por apresentar uma grande diversificação de paisagens inclusive de áreas verdes preservadas, o que torna um convite ao estudo e à pesquisa sem maiores custos. Também, na nossa cidade, é possível identificar com facilidade a história da construção e desenvolvimento urbano com seus monumentos históricos, ainda, preservados e convivendo com outras construções de períodos mais recentes, fato observado em



uma das aulas de campo, envolvendo diversas áreas do conhecimento, realizada nos meses de abril e maio de 2014 sob a coordenação da disciplina de História.

É preciso considerar, portanto, que apesar de ter conquistado o espaço físico e até algum espaço participativo, não deixaremos aqui de enfatizar as falhas descobertas com essa pesquisa como: a falta de maior divulgação no início de cada ano letivo; o pouco uso dos materiais do laboratório; a baixa frequência das atividades de campo e a pouca sintonia entre os professores de Geografia dos três turnos e seus projetos; a participação em atividades elaboradas por professores de outras áreas de conhecimento, quando poderiam ter sido canalizadas e até direcionadas pela área de Geografia, e a própria conjuntura de indefinições do modelo adotado na escola entre 2013 e 2014. Ao constatarmos essas deficiências, nos debruçamos sobre a mesa de trabalho e traçaremos novos rumos para os próximos anos letivos inclusive utilizando os resultados dessa pesquisa.

## REFERÊNCIAS

AIGNER, C. H. O. Educação Popular em Porto Alegre, Geografia e Cidadania. In: \_\_\_\_\_ REGO, NELSON *et al.* **Um Pouco do Mundo cabe nas Mãos: Geografizando em Educação o Local e o Global.** 1ª ed. Porto Alegre, RS:UFRGS, 2003, p.37-55.

ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS DO BRASIL. **História da AGB** – Portal. Disponível em: <http://www.agb.org.br/index.php/component/content/article/60-portal/73-historia-da-agb>. Acesso em 22/06/2014.

BIGOTTO, J. F.; VITIELLO, M. A.; ALBUQUERQUE, M. A. M. Manual do Professor. In: \_\_\_\_\_ **Geografia, sociedade e cotidiano: espaço brasileiro.** 7º ano, 3ª Ed. São Paulo: Editora Escala Educacional, 2009, p. 5-9.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia/ SEF** – Brasília: MEC/SEF, 2001. 156p.

CAVALCANTI, L. de S. A geografia e a Realidade Escolar Contemporânea: Avanços, Caminhos, Alternativas. In: I Seminário Nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais. **Anais...** Belo Horizonte, MG: Nov. de 2010. Disponível em: <https://www.google.com.br/webhp?source=search>. Acesso em 27.04.2014.

FILGUEIRAS, J. M. **A Educação Moral e Cívica e sua produção didática: 1969-1993.** 222f. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade). PUC-SP. São Paulo: 2006. [www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=3301](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3301). Acesso em Junho de 2014.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação.** Artes Médicas Sul. Porto Alegre – Rio Grande do Sul: 2000. Disponível em:

<http://acervo.paulofreire.org/xmlui/handle/7891/2770#page/27/mode/1up>: Acesso em: 31.03.2014.

GADOTTI, M. *et al.* Projeto Político-pedagógico da Escola Cidadã. In: \_\_\_\_\_ **MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO – MEC/SEED. Salto Para o Futuro: Construindo a Escola Cidadã, Projeto Político Pedagógico**, série de Estudos Educação à distância, v.5. Brasília, DF: 1998 p.15-22.

LACOSTE, Y. **Os países subdesenvolvidos**. Tradução de Américo A. Bandeira. . Bertrand Brasil S/A. 19ª Ed. Rio de Janeiro – RJ:1988.

MELO, A. Á. *et al.* História da Geografia Escolar Brasileira: continuando a discussão. In: VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 17 a 20 de Jan. de 2006. UFU **Anais...** Uberlândia – MG. Disponível em: [www.2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/239AdrianyMelo\\_VaniaRubia.pdf](http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/239AdrianyMelo_VaniaRubia.pdf). Acesso em 19 junho 2014.

MOÇO, A. O Que Ensinar em Geografia: Linha do tempo do ensino de Geografia no Brasil. In \_\_\_\_\_ **O mundo dentro e fora da escola**. Revista Nova Escola. Editora Abril. 217ª Ed. São Paulo-SP: Out. 2008..

MORAES, A. C. R. **Geografia Pequena História Crítica**. 17ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

NIKITIUK, S. L.(Org.): **Repensando o ensino de História**. Coleção Questões da nossa época. 7ª edição. São Paulo: v.52. 2009, p.85-100.

SILVA, M. S. F.; SILVA, E. G. Um olhar a partir da utilização de dinâmicas como ferramenta para o ensino da geografia escolar: **Caminhos de Geografia** (Revista Online).Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFU. Uberlândia, MG: v. 13, n. 44, p.128–139, Dez/2012.

Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia>. Acesso: 10.05.2014.

SILVA, A. S. **A linguagem cartográfica na alfabetização de jovens e adultos.** Projeto de pesquisa em pós-graduação do IFSP. São Paulo: 2009. [www.cefetsp.br/edu/eja/monografiaanaila.pdf](http://www.cefetsp.br/edu/eja/monografiaanaila.pdf). Acesso em 09.09.2013.

VESENTINNI, J. W. **Repensando a Geografia Escolar para o Século XXI.** São Paulo: Editora Pleiade, 2009.

**WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre.** Projeção de Gall-Peters. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Proje%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_Gall-Peters](http://pt.wikipedia.org/wiki/Proje%C3%A7%C3%A3o_de_Gall-Peters). Acesso em **08/07/2014.**